

MARÉ

DE NOTÍCIAS

EDIÇÃO
158

UMA MARÉ DE MULHERES



FOTO GABI LINO

ACESSE O SITE



NOVOS COMEÇOS | MULHERES DA MARÉ REALIZAM SONHOS DEPOIS DOS 40 ANOS - PÁGINAS 6 E 7.

MARIA AMÉLIA | LÍDER COMUNITÁRIA SEGUE INSPIRANDO A LUTA NA MARÉ - PÁGINA 4 E 5.

EDITORIAL

O “ser mulher”, felizmente, ganhou múltiplos sentidos nas últimas décadas e o feminino deixou de ser adjetivo somente singular. Assim como o Dia dos Pais, das Mães, das Crianças, todos no plural, o 8 de março talvez devesse ser o Dia Internacional das Mulheres.

A data traz sempre muitas reflexões: e se, ao invés de flores, o mais comum fosse receber um jogo de ferramentas, um livro, um pé de Comigo Ninguém Pode, só para falar de alguns presentes em forma de objetos. Porque o ideal mesmo seria equiparação salarial, direito ao aborto legal e seguro, acesso à educação, liberdade e segurança para nossos corpos e tantas outros direitos negados.

Mesmo diversas, o sentimento que une a maioria das mulheres neste momento é o cansaço. Segundo dados da pesquisa Esgotadas feita pelo Lab Think Olga em 2023, 70% dos casos de ansiedade e depressão diagnosticados no Brasil, são nas mentes e nos corações femininos. A sobrecarga das múltiplas funções e a baixa remuneração é um dos maiores fatores para este adoecimento.

Uma brasileira recebe, em média, 78% do que ganha um homem pelo mesmo trabalho, na mesma função e hierarquia. Segundo o IBGE, uma mulher negra ganhava no primeiro trimestre de 2023, 62% menos que uma mulher não negra.

Mulheres faveladas enfrentam obstáculos singulares, desde a escassez de recursos até a violência sistêmica. No entanto, nesta edição temos exemplos de como elas emergem como pilares de esperança, liderando iniciativas comunitárias e promovendo a solidariedade entre si.

É essencial lembrar que a luta pela equidade não é apenas uma questão de um dia no calendário, mas sim um compromisso contínuo. A verdadeira mudança virá quando todas as mulheres tiverem acesso igualitário a oportunidades, direitos e dignidade. Que este dia seja um lembrete.

PICOLÉ

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Exemplo

5	9	4	6	7	8	3	1	2
7		5		2				6
2	3			1	4	5	8	7
8	1	2		6			7	9
9		8		1	2			
4	2		9	7		6	8	
6	4		2	3		9	1	
8		3	6			2	5	
	9	1	8	5		3	4	

1 Preencha os espaços em branco com algarismos de 1 a 9, de modo que cada número apareça apenas uma vez na linha.

5		4	6		8		1	2
1	7		5		2			6
2	3			1	4	5	8	7
3	8	1	2		6		7	9
9			8		1	2		
4		2		9	7		6	8
6	4			2	3		9	1
8		3	6			2	5	
7		9	1	8	5		3	4

2 O mesmo deve acontecer em cada coluna. Nenhum número pode ser repetido, e todos os números de 1 a 9 se encontram presentes.

5		4	6		8		1	2
7		5		2				6
2	3			1	4	5	8	7
8	1	2	5	6			7	9
9			8	4	1	2		
4		2	3	9	7		6	8
6	4			2	3		9	1
8		3	6			2	5	
	9	1	8	5		3	4	

3 Nos quadrados menores (3x3), a regra é a mesma: aparecem números de 1 a 9, mas nenhum se repete.

A

7			6	1				9
9		5				2		3
		4		3		6		
8			9		4			
6		2				3		1
			3		6			2
		8		5		9		
3		9				1		5
5			8	9				4

B

			4	2		1		
9		1	7	8	6			
						7		
3	4		2		1	6	9	
	1					5		
6	9		5	4		2	1	
	8							
			8	6	9	3		7
3		1		5				

Solução

A	7			6	1			9
		5				2		3
		4		3		6		
8			9		4			
6		2				3		1
			3		6			2
		8		5		9		
3		9				1		5
5			8	9				4

B				4	2		1	
9		1	7	8	6			
						7		
3	4		2		1	6	9	
	1					5		
6	9		5	4		2	1	
	8							
			8	6	9	3		7
3		1		5				

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:



R. Sargento Silva Nunes, 1008A
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

APOIO:



EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Jéssica Pires

EDITORA
Ana Paula Lisboa

FOTOGRAFIA
Affonso Dalua
Gabi Lino
Vitor Melo
Lorrana Penna
Dhavid Normando
Clarice Lissovsky
Nayane Silva

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Ana Paula Lisboa
Andreza Jorge
Andreza Paulo
Hélio Euclides **MtB 29.919/RJ**
Henrique Silva
Michel Silva
Teresa Santos

REVISÃO

Tatiana Lima

PROJETO GRÁFICO

Affonso Dalua

DIAGRAMAÇÃO

Affonso Dalua

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

10 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA



#FaçaCoquetel f/editoracoquetel @coquetel

ASSINE AGORA!

www.coquetel.com.br



SIGA O CANAL "MARÉ DE NOTÍCIAS" NO WHATSAPP



FALE CONOSCO:

Email: maredenoticias@redesdamare.org.br

Whatsapp: +55 21 97271-9410

REDES SOCIAIS:

Twitter: @maredenoticias

Instagram: @maredenoticias

Facebook: fb.com/maredenoticias

REDAÇÃO MARÉ DE NOTÍCIAS

Rua Sargento Silva Nunes, 1008A

Nova Holanda - Maré

Telefone: +55 (21) 3104-3276

“ELES NÃO IMAGINAVAM O TAMANHO DA MINHA MÃE”

Luyara reflete sobre o trabalho do Instituto Marielle Franco e a luta para realizar a 6ª edição do festival por justiça

ANA PAULA LISBOA

Para quem acompanhava a trajetória e o trabalho da vereadora Marielle Franco, o 14 de março passou a ser um dia de sentimentos ambíguos: saudade, raiva, amor, luto e luta se encontram, se misturam e se repelem.

Para a família, isso com certeza é ainda mais forte. Em conversa com **Luyara Franco**, filha de Marielle, ela conta que os últimos seis anos têm sido de esforços incessantes para realizar o *Março por Marielle e Anderson*: conjunto de ações voltadas para ampliar a luta por justiça e reverberar o legado e a história da vereadora. Dentre as atividades do mês, a principal delas é o *Festival Justiça por Marielle e Anderson*, realizado na Praça Mauá. As ações são realizadas pelo Instituto Marielle Franco, que nasceu para lutar por justiça, defender a memória, espalhar o legado e regar as sementes de Marielle.

“É um dia difícil, é um dia que a gente revive o luto, vai passando o tempo e a angústia parece que aumenta. Mas eu não consigo imaginar a minha

mãe sem música, sem festa. O festival existe para que neste dia, as pessoas se juntem a nós e também possam ecoar neste grito por justiça.”, conta Luyara Franco.

HOMENAGENS

O carnaval se tornou um momento de muitas homenagens a Marielle Franco, que sempre demonstrou um amor pela folia. Uma das maiores foi a homenagem feita no enredo da escola de samba Mangueira, em 2019, ano em que a escola foi campeã.

Em 2024 não foi diferente. A Família Franco esteve presente na abertura do carnaval de rua de São Paulo, no Bloco Afro Ilú Obá De Min, com mais de 400 ritmistas, que este ano homenageou Mari e sua família, com o enredo *Irúgbìn – Família Franco, Marielle*. No carnaval do Rio, dona Marinete Franco, mãe de Marielle, recebeu o Troféu Cordão do Boitató e foi uma das 16 mulheres que desfilaram no último carro da escola de samba Portela, em homenagem às mães que perderam os filhos para a violência.

Luyara conta que o carnaval é sempre momento de muitas lembranças. “Nós tocávamos juntas no Bloco Apafunk como ritmistas, era um momento nosso. Quando acontecem essas homenagens e reconhecimentos nos faz bem, porque é uma memória boa. Foi muito bom ver a minha avó também, obviamente não se divertindo, mas é sempre um acalento, porque a gente recebe muito carinho.”

Para a filha de Marielle, essas homenagens mostram o tamanho de sua mãe. “Nessa hora eu vejo que ainda me surpreendo com o tamanho dela. A cada homenagem, todos os anos no

festival, é que eu vejo que ela era gigante. Acho que nem as pessoas que mandaram fazer esse crime imaginaram que ela era tão grande, acharam que matariam uma pessoa qualquer e que iria ficar por ali, mas viram a potência dela.”

Segundo Luyara, as homenagens são importantes também para dar visibilidade ao caso. “Já se passaram seis anos e às vezes as pessoas esquecem, acham que está tudo resolvido ou que a gente está muito bem de vida. É pra dizer e mostrar que continuamos na luta e queremos que as pessoas estejam com a gente.”

CENTRO DE MEMÓRIA

Luyara atualmente coordena a equipe de memória do Instituto Marielle Franco, que tem muitos planos e desejos, mas ela tem um sonho pessoal.

“Em 2020 nós abrimos a Casa Marielle, mas infelizmente não conseguimos dar continuidade, por conta da pandemia. Mas dali, surgiu um sonho de criar um Centro de Memória e Ancestralidade Marielle Franco.”

O objetivo é dar continuidade ao sonho de Marielle, a sua memória e de outras mulheres e outros negros, demarcando esse lugar para todo o Brasil.

“O Estado deve essa resposta pra gente! Minha mãe foi assassinada voltando do trabalho. Ela estava servindo à cidade e então a cidade deve isso às pessoas que votaram nela, deve à família e a sociedade como um todo. Precisamos da concretização de um espaço em que a gente seja resistência e possa continuar o trabalho dela.”





MARIA AMÉLIA, MULHER REFERÊNCIA

A trajetória da líder comunitária que ainda hoje inspira a resistência e luta por direitos e reconhecimento na favela

ANDREZA JORGE E
HENRIQUE SILVA

Maria Amélia Castro e Silva Belfort, que hoje dá nome à uma escola municipal localizada no Campus Maré, foi uma líder comunitária, empreendedora, compositora, ativista e mãe de seis filhos. Foi removida compulsoriamente de casa na extinta favela Praia do Pinto (na zona Sul do Rio) no final dos anos 60 para a favela Nova Holanda. Mas, ainda como moradora da Praia Pinto, já atuava como ativista nas lutas populares.

Ao chegar na Nova Holanda, construiu uma trajetória junto a movimentos políticos de base comunitária, que culminou na gestão da Associação de Moradores da Nova Holanda. A organização, denominada Chapa Rosa, contava com Eliana Sousa Silva, hoje diretora da Redes da Maré, como presidente. A associação foi responsável por reivindicar políticas públicas fundamentais para o território.

INSPIRAÇÃO

Em entrevista para a pesquisa: *A Nova Expressão das Mulheres da Periferia*, realizada em 2009, pelo Centro de Atividades Culturais, Econômicas e Sociais (CACES), Eliana Sousa Silva destacou a importância de Maria Amélia no processo de mobilização comunitária e na construção de sua própria trajetória como liderança feminina de favela.

“Havia um grupo de mulheres através do qual tinha se consolidado uma forte tradição: toda luta daqui passou pelas mulheres. Tinha uma mulher chamada Maria Amélia Castro e Silva Belfort, que foi com quem aprendi

e entendi muito sobre a necessidade de nos organizarmos como moradores. Ela me inspira no trabalho que faço ao longo dos anos. Ela foi fundamental e fez muita coisa acontecer aqui. Ela fazia parte de um grupo chamado: Grupo de Mulheres que lutava exatamente pelas necessidades mais básicas dos moradores. Então, a água que a gente tem hoje é fruto da luta dessas mulheres, assim como a creche.”, explica.

A força de Maria Amélia era um exemplo, pois chegava a lugares impensáveis para mulheres pobres, faveladas, mães. Como parte estruturante da ética feminista, o reconhecimento e fortalecimento de lideranças mais jovens é fundamental para continuidade da luta pelas mulheres por transformação social coletiva.

CARTA AO PRESIDENTE

No ano de 1979, Maria Amélia redigiu uma carta ao recém-empossado presidente João Figueiredo, que tinha anunciado o Projeto RIO para o Conjunto de Favelas da Maré. O conteúdo da carta reflete uma abordagem centrada na aproximação, partindo de uma narrativa comunitária.

Rio de Janeiro, 23 de julho de 1979,

Excelentíssimo Sr. Presidente dos estados unidos do Brasil: João Batista Figueiredo.

Não vou pedir nada a vossa senhoria em particular. Como brasileira que sou, creio que o momento é, não de individualização, sim de comunitarismo, creio que todos os cidadãos devem pensar em termos de pátria, nação! Coletividade.”

(Fonte - Arquivo Nacional)



Organização comunitária foi fundamental na luta para o reconhecimento da Maré como bairro.

MOBILIZAÇÃO CULTURAL

Maria Amélia, nos brindou com diversos exemplos da atuação política dela, como a sua participação na organização do 1º Encontro Popular pela Saúde, realizado na Cidade de Deus, em 1980. No evento foi apresentado um documento produzido pelo Grupo de Mulheres sobre os problemas enfrentados na Maré e ela escreveu um samba como registro criativo e poético marcando essa participação:

Lutando contra o azar
Unidos sempre a cantar
Soubemos organizar
O primeiro encontro popular

Foi tímido foi temido
Mostramos a muita gente
Que não somos formados de bandidos
Sem confusão... Sem confusão
Sem pires na mão, sem pires na mão

Compreendendo a importância das práticas culturais, Maria Amélia também estava implicada coletivamente com outros grupos do território, como o Bloco Carnavalesco Mataram meu Gato. Havia um desejo de mobilizar os moradores para a participação política e, a aproximação do Grupo de Mulheres com a quadra de samba, foi crucial para o reconhecimento desse grupo como ator político do território. Em entrevista para o jornal *Favelão - A voz dos favelados*, em 1982, Maria Amélia declarou:

“Como não conseguia mobilizar o pessoal para formar uma associação, que é uma necessidade, consegui mobilizar para o bloco, que agora tornou-se um lugar familiar. O bloco



CASA OSVALDO CRUZ

Luta histórica por ampliação de direitos tem forte participação feminina.

‘Mataram o Meu Gato’, é praticamente o único lazer em Nova Holanda. Conseguimos mesmo, este ano, que o samba que seria cantado no carnaval, não fosse escolhido no gabinete, e foi escolhido na quadra.”

FEMINISMO FAVELADO

Há uma urgência em resgatar essas ações e lançá-las sob a luz do agenciamento existente nos feminismos favelados, que emergem de um olhar concreto na vivência diária e na opressão, que atravessa cotidianamente esses corpos, ainda que de forma diferente e desproporcionais. Não existe um feminismo universal!

Ainda, na entrevista ao jornal *Favelão - A voz dos favelados*, em 1982, quando perguntada sobre: “O que representou o Dia Internacional da Mulher?”, Maria Amélia respondeu:

“Não representou nada para a mulher favelada, é um dia comercial. Na vida comunitária pode ser um dia, quando nos juntamos, não para tirar o sutiã em praça pública, mas para reivindicar os nossos direitos”.

Seguindo este mesmo pensamento, Maria Amélia foi uma figura crucial no

3º Encontro Feminista Latino-Americano, que aconteceu na cidade de Bertioga, no Estado de São Paulo, em 1985. Ela compareceu ao evento em um ônibus fretado, cheio de lideranças femininas de favelas do Rio de Janeiro, como forma de protesto, reivindicando a participação e denunciando a ausência de mulheres faveladas no Encontro.

Todas essas ações foram fundamentais para uma efervescência de liderança e mobilização comunitária que culminou na luta por reconhecimento desse território como um bairro.

Seguimos aprendendo com as que vieram antes de nós e abriam caminhos para sonhos maiores. Enaltecer os 30 anos de bairro Maré é celebrar a luta das mulheres e suas insurgências e seus feminismos favelados. É uma celebração plural, cheia de mãos e corações. É celebrar Maria Amélia e sua força criativa e insistente, enaltecendo quando na vida comunitária precisamos nos unir pela garantia do Direito a vida, contra o genocídio dos homens e meninos de nossa comunidade, contra a desumanização e reivindicação de nosso direito de existir.



NOVOS COMEÇOS

Mulheres da Maré realizam sonhos depois dos 40 anos e superam o etarismo

ANDREZZA PAULO

Recomeços depois dos 40 anos podem ser desafiadores, mas também emocionantes e gratificantes, principalmente para as mulheres de favela. Muitas delas optam por fazer mudanças significativas na vida nesta fase. Seja mudando de carreira, buscando novos hábitos, engravidando ou até mesmo iniciando ou terminando um relacionamento. Embora a população da Maré seja em maioria jovem, as mulheres acima dos 40 anos também representam uma parte significativa da população do território e mostram que nunca é tarde.

ESCREVENDO O FUTURO

No Brasil, as mulheres conquistaram o direito de estudar para além do Ensino Fundamental só em 1827, com a Lei Geral promulgada em 15 de outubro. Nesta época, as mulheres negras ainda eram escravizadas e, mesmo após a abolição em 13 de Maio de 1888, a população negra não tinha os mesmos direitos da branca, restando para a grande maioria apenas os trabalhos sub-humanos. Esta herança do período escravagista perpassa os dias de hoje e reflete na realidade de vida das mulheres da Maré e de outras em territórios periféricos.

De acordo com o Censo Maré 2019, em torno de 3.959 pessoas entre 40 e 79 anos não sabem ler e escrever no território e, após os 50 anos, o índice de analfabetos é maior entre as mulheres. Porém, o Censo Escolar, coordenado pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), em colaboração com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, mostra que o número de inscritos na EJA (Educação de Jovens e Adultos) cresceu 23% na última década.

A Redes da Maré através do Projeto Escreva seu Futuro busca alfabetizar mulheres cuja conexão com o saber escolar nunca foi estabele-

cida. O objetivo é diminuir esse índice de analfabetismo resultado desta herança histórica.

O crucial sobre recomeçar é entender a importância da jornada para si própria como forma de autoconhecimento e de superação. A alfabetização é uma questão fundamental para garantir o acesso à educação e o desenvolvimento pessoal e profissional, permitindo que estas mulheres adquiram conhecimentos, habilidades e autonomia em diversas áreas de suas vidas.

MULHERES DE NEGÓCIOS

De acordo com dados do Sebrae, o número de empreendedoras por volta dos 40 anos cresceu nos últimos anos e atingiu a maior marca em 2022, com mais de 10 milhões de mulheres com seus próprios negócios.

O levantamento revela que 34,4% dos empreendimentos do país são comandados por elas e o Rio de Janeiro é o estado com maior número de empreendedoras, representando 38% do território nacional.

Mas quem são essas mulheres? De acordo com o levantamento do Sebrae, 48% são negras e 67% possuem entre 35 e 64 anos, mostrando que ao chegar aos 40+, as mulheres estão cada vez mais engajadas a re-

FOTOS GABRIELINO



começar e se destacar no cenário do empreendedorismo.

Fátima Donária começou seu negócio aos 50 anos. Ela conta que sempre cortou cabelo das irmãs e das amigas: “Fui voluntária em um abrigo de idosas e cortava cabelo com máquina, igual homem, bem baixinho e uma delas pediu um corte diferente e, eu dei meu jeito, mas isso me despertou e fui fazer o curso”, conta.

A cabeleireira revela que foi através do curso *Maré de Belezas* na Casa das Mulheres, projeto da *Redes da Maré*, que, o lado empreendedor falou mais alto e resolveu abrir o próprio salão no Parque União.

“Se não fosse esse curso, eu ia atender a domicílio por muito tempo... me aperfeiçoei, fui melhorando cada vez mais e isso foi me dando segurança para atender melhor as pessoas”.

MATERNIDADE

Outro ponto que as mulheres com 40+ estão ressignificando é o momento da maternidade. O Núcleo de Inteligência da Folha de S. Paulo, a partir dos dados do sistema de informações sobre nascidos vivos do Ministério da Saúde, levantou que o número de mulheres que deram à luz entre os 40 e 44 anos cresceu 50%, entre 1998 a 2017. Além de filhos biológicos, a maternidade através da adoção também tem sido uma opção para mulheres 40+.

Jaqueline Conceição, de 52 anos, foi mãe de um menino aos

17 anos e sempre sonhou em ser mãe também de uma menina. Após anos de tentativas e abortos espontâneos, ela descobriu que tinha um tumor que a impossibilitava de gestar. Ela conta que sempre teve um grande coração e acolheu, por diversas vezes, crianças na casa dela. Três décadas depois do nascimento do primeiro filho, ela conheceu o amor novamente: Cristiane, a sua menina.

“Pela minha idade, e tudo que aconteceu comigo, eu não imaginava. A minha cunhada, mãe biológica dela teve uns problemas de saúde e eu levei ela pro hospital. O médico disse que alguém teria que cuidar do bebê. Assisti ao parto, me apaixonei pela Cris e tive certeza que ela era minha filha”, conta.

Emocionada, Jaqueline revela que está mais madura e sente que hoje respeita muito a personalidade da filha: “Aprendi com a idade algumas coisas. Quando ela diz: ‘vamos embora’, eu vou. Ela é minha amiga, é meiga, me beija, diz que eu sou linda, me abraça. A Cris é a alegria da minha vida”.

Ela reforça a importância da adoção: “Tem tantas crianças querendo carinho, tantas mulheres que

não conseguem realizar o sonho de gerar um filho, mas o importante é o coração, então, não desista disso. Eu queria muito e não consegui, mas a vida me deu a Cris e parece que ela saiu de mim. Foi um presente de Deus”.

O **etarismo** é a discriminação ou preconceito contra pessoas com base em sua idade, geralmente direcionado a pessoas mais velhas. Infelizmente, é uma forma de discriminação comum e pode se manifestar de várias maneiras: como a exclusão de oportunidades de emprego, tratamento desigual no local de trabalho, estereótipos negativos sobre pessoas mais velhas, entre outras.



ENTRE A FESTA E A LUTA

Portela leva mães de vítimas da violência da Maré para a Sapucaí

ANDREZZA PAULO E
ANA PAULA LISBOA

O Carnaval deveria ser uma época somente festiva, mas às vésperas do início da folia, no dia 8 de fevereiro deste ano, mais uma operação policial no território tirou a vida de Jefferson Costa, de 22 anos. Jefferson foi sepultado pela família no sábado de carnaval e mais uma mãe da Maré perdeu o seu filho de forma violenta.

Foi para homenagear e fortalecer a luta dessas mulheres que a escola de samba Portela fez um homenagem a essas mães no desfile de 2024. O último carro da escola, denominado *Em cada porto, nosso ninho*, trouxe 16 mulheres que perderam os filhos para a violência do Estado. Entre elas estava Marinete Franco, mãe da vereadora Marielle Franco, e Ana Paula Oliveira, mãe de Jhonata Oliveira, do Movimento Mães de Manguinhos.

Outras mareenses, além de Marinete, estavam Bruna Silva, que perdeu o filho Marcus Vinícius, em 2018, quando ele tinha apenas 14 anos; Vânia Silva, mãe de Marvin; Dejanecy Ribeiro, mãe de Paulo e Hortência Alves, mãe de Gelson.

UM DEFEITO DE COR

O enredo da escola narrou a história do livro *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves. A obra, que esgotou nas livrarias logo após o desfile, conta a história de Kahinde, personagem inspirada da figura histórica Luiza Mahim, heroína da Revolta dos Malês (movimento de escravizados contra a escravidão em 1835) e mãe de Luiz Gama, advogado negro brasileiro e Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil.

O livro, lançado em 2006, é um romance de quase 1.000 páginas, considerado um dos livros mais importantes da literatura brasileira no século 21. Já foi tema de diversos estudos, exposições e, em breve, será lançado como série.

A participação das mães no desfile foi organizado pela coordenadora do Observatório das Favelas, Thaís Gomes. Em entrevista ao Globo, ela explicou que essas mulheres representam Luiza Mahim do livro de Ana Maria Gonçalves.

“Como a personagem, elas também são incansáveis. Lutam por seus filhos, pela memória deles, por justiça e pelo fim da violência”.

OPERAÇÕES SEGUIDAS

Em 2023, o 7º Boletim de Segurança Pública registrou um aumento de 145% nas mortes em operações policiais referentes ao ano anterior, sendo 97% homens de até 29 anos. Nos dois primeiros meses de 2024 já ocorreram 6 operações policiais no Conjunto de Favelas da Maré.

No último dia 27 de fevereiro, além da Maré, as favelas do complexo da Penha e Alemão também foram alvo do que a Polícia Militar chamou de uma megaoperação. Ao todo, sete pessoas morreram.

Por causa da operação, 16 escolas municipais no Complexo da Penha suspenderam as aulas, afetando 4.894 alunos. No Complexo do Alemão, 20 unidades escolares ficam fechadas, afetando 7.185 alunos. Na Maré, foram afetadas 24 escolas, e mais de 9.600 alunos sem aula. O cálculo até este dia era que dos 11 dias letivos, os estudantes mareenses tiveram somente 6.



VACINAS QUE SALVAM VIDAS

Aumento de casos de dengue geram alerta sobre a importância de manter a caderneta de vacinação em dia

ANDREZZA PAULO, MICHEL SILVA E TERESA SANTOS

Desde o início de 2024, já foram registrados mais de 500 mil casos prováveis de dengue no Brasil, de acordo com o painel de monitoramento de arboviroses do Ministério da Saúde. A cidade do Rio de Janeiro, por sua vez, soma mais de 23 mil casos da doença, segundo dados do Observatório Epidemiológico da Cidade do Rio de Janeiro (EpiRio). O total de casos computados entre janeiro e fevereiro de 2024 já ultrapassou o registrado em todo o ano de 2023. O Conjunto de Favelas da Maré já registrava, até meados de fevereiro, 178 casos. Essa já é a pior pandemia de dengue no estado.

Um deles foi **André Luiz dos Santos**, de 53 anos. O morador relata que diante dos sintomas, resolveu procurar a Clínica da Família e já suspeitava que fosse a doença. “Tive febre, dor no corpo, diarreia, cansaço e muita dor de cabeça. Ainda tô sentindo os sintomas e essa semana estou sentindo muita dor no lado direito do abdômen”, conta. André Luiz é motorista autônomo e afirma que a doença mexeu com a sua rotina: “Impactou muito meu trabalho e acho que pode ter afetado outra área do corpo, como o meu fígado”.

NOVA ALIADA

Diante deste cenário preocupante, a boa notícia é que, agora, temos uma aliada importante: a vacina contra a dengue. Ela se junta aos mais de 30 imunizantes oferecidos de forma gratuita pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI) no Sistema Único de Saúde (SUS).

A vacina da dengue, co-

nhecida como Qdenga, será aplicada primeiro nas crianças de 10 a 14 anos.

Nem sempre é fácil lembrar de manter a caderneta de vacina em dia. Mas agora, é possível acompanhar e manter as doses atualizadas através do calendário digital de vacinação, onde qualquer pessoa pode checar e pesquisar todas as doses atualmente disponíveis no PNI. A plataforma digital ainda oferece informações sobre doenças que podem ser prevenidas, público-alvo, faixa etária e, dentro de cada público, os imunizantes recomendados. A iniciativa é do Movimento Nacional pela Vacinação, lançado em fevereiro de 2023 pelo Governo Federal, a fim de retomar as altas coberturas vacinais no país.

Outra novidade é a vacina contra Covid-19 que, em 2024, também passa a fazer parte do calendário anual de vacinação para grupos prioritários (crianças de 6 meses a menores de 5 anos, idosos, imunocomprometidos, gestantes e puérperas, bem como demais pessoas em maior risco de desenvolver formas graves da doença).

José Fernando Verani é pesquisador do departamento de Epidemiologia da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP-Fiocruz). Ele explica que não existe nenhuma outra intervenção que tenha um impacto tão grande na saúde pública quanto à vacinação.

“Hoje nós temos recursos, que são as

vacinas, aprovadas e já disponíveis no SUS para combater uma série de infecções, principalmente virais e bacterianas, e até mesmo em algumas doenças crônicas. A vacina contra o HPV, por exemplo, teve um impacto tremendo sobre a ocorrência e a prevalência de câncer de colo de útero”, destaca.

CADERNETA EM DIA

Desde 2016, os índices de cobertura vacinais no Brasil enfrentam queda. Porém, em 2023, o governo conseguiu reverter a tendência e oito imunizantes do calendário infantil registraram alta.

Para o pesquisador da ENSP-Fiocruz, é necessária atenção especial às vacinas contra poliomielite e contra o sarampo em todo o Brasil. Segundo ele, é importante manter altas coberturas vacinais, ou seja, vacinar 95% ou mais do público-alvo para evitar que esses vírus voltem a circular no país.



Vale lembrar que, no caso da poliomielite, a vacina VIP, que é injetável, deve ser administrada aos 2, 4 e 6 meses de idade. E a VOPb, que é um reforço via oral, aos 15 meses e aos 4 anos. Com relação ao sarampo, a proteção vem a partir da vacina tríplice viral, que também protege contra caxumba e rubéola, e da tetra viral, que protege contra essas três doenças e mais a varicela (catapora).

A tríplice viral está disponível para pessoas de 12 meses a 59 anos de idade, sendo recomendadas duas doses até 29 anos e uma dose de 30 a 50 anos, em pessoas não vacinadas. Quanto à tetra viral, a recomendação é uma dose aos 15 meses de idade em crianças que receberam a primeira dose da tríplice viral.

ALERTA PARA ADULTOS

José Fernando ressalta que: “é importante mantermos as cadernetas de vacinação em dia das crianças, mas não só delas. Hoje, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) tem como clientela crianças, mas também adolescentes, adultos e idosos. Temos praticamente a população inteira, em termos de grupos de idade, como alvo do PNI”.

Segundo dados do EpiRio, foram aplicadas quase 7 milhões de vacinas em crianças no município do Rio, em 2023. No entanto, a cidade só atingiu a meta de cobertura vacinal em menores de dois anos com a vacina BCG (que protege contra formas graves da tuberculose). Todos os outros imunizantes ficaram abaixo dos índices considerados ideais.

O cenário, entretanto, foi diferente



Vacina da dengue será aplicada primeiro nas crianças de 10 a 11 anos.

na Área de Planejamento 3.1, na qual a Maré está inserida. Por aqui, o número de crianças menores de dois anos vacinadas superou a meta para as vacinas BCG, Rotavírus, pentavalente (que protege contra difteria, tétano, coqueluche, hepatite B e meningite por Haemophilus influenzae tipo B - Hib) e poliomielite.

Além disso, os índices de cobertura vacinal ficaram acima de 90% e próximos do ideal (95%) para as vacinas contra hepatite A, meningocócica C e pneumocócica 10. Já as vacinas da febre amarela e da tríplice viral (2ª dose) foram as que ficaram mais distantes da meta em 2023 na Área de Planejamento 3.1, com taxas de vacinação de 68,10% e 75,8%, respectivamente.

A situação ainda é desafiadora para outros grupos etários, além das crianças. Em 2023, a campanha de vacinação contra a gripe no município do Rio de Janeiro, por exemplo, só vacinou 53% dos idosos, bem longe da meta de 90%. E, na região da Maré e adjacências, os índices também ficaram aquém do desejado, com apenas 60% dos idosos vacinados.

Para acessar o Calendário Digital de Vacinação acesse www.gov.br/saude ou o QRcode abaixo:



Manter a caderneta de vacinação em dia é importante não só para crianças, adultos e idosos também são alvo do PNI.

VILA DOS PINHEIROS: QUATRO DÉCADAS DE EVOLUÇÃO

Favela com nome de árvore se mantém firme em suas raízes

HÉLIO EUCLIDES

A árvore pinheiro-brasileiro chega a viver em média 700 anos, então, a favela de 41 anos que leva o nome da planta ainda é uma criança. A Vila dos Pinheiros foi inaugurada em 1983, dentro da segunda fase do Projeto Rio, que tinha o propósito de reassentar antigos moradores das palafitas das favelas da Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Nova Holanda e Parque União. A favela é conhecida pelos moradores simplesmente como Pinheiro e nasceu fruto do aterramento dos manguezais da Baía de Guanabara, que ligavam a Ilha do Pinheiro ao continente.

O local também era conhecido como Ilha dos Macacos, por ser área de testes com os animais da Fundação Oswaldo Cruz. Hoje, o espaço também conhecido pelos moradores como Mata, tem o nome de Parque Municipal Ecológico Cadu Barcellos, ilustre morador, morto em 2020.

A penúltima fase de construção de casas na favela Vila dos Pinheiro aconteceu em uma área atrás da as-

sociação de moradores, passando a ser chamada com um novo nome: Vila Pasqualini, em homenagem a um escritor. A parte final da favela foi construída em 2004, atrás do Ciep Ministro Gustavo Capanema, que recebeu moradores remanescentes de enchentes. Essas casas são conhecidas popularmente como Marrocos.

Parte das casas originais foram derubadas no início dos anos 1990 devido a um afundamento. Depois da construção da Linha Vermelha, após utilização de bate-estacas, o território foi estabilizado e os moradores reconstruíram as casas no terreno vazio. Um desses moradores é **Valdecir Severino Silva**, de 57 anos. Ele conta que veio de uma casa nas palafitas do Parque União, onde vivia com a mãe, para a Vila dos Pinheiros, no dia 15 de dezembro de 1983.

Valdecir não acreditava na remoção, e lembra de um samba do bloco Boca da Ilha, do compositor Pelé: “disseram que a favela vai sair, isso é boato que surge por aqui...” Um diferencial da nova favela era a ausência de muros, onde moradores cortavam caminho pelos terrenos.

“As paredes das casas eram chapiscadas e pintadas por cima, todas parecidas e, no início, quando voltava do trabalho acabava demorando a achar minha residência. As famílias grandes receberam casas duplex, mas quem fi-

cou com uma casinha tinha um terreno grande. Vim no carro de mudança zoando... era uma novidade, me senti rico. Mesmo assim, tinha gente que vendia a casa por uma merreca para voltar de onde tinha saído”, conta.

Uma das grandes dificuldades dos moradores era a ausência de comércios. “Tinha que fazer as compras no Supermercado Merci, em Bonsucesso. Para as obras, foram surgindo as primeiras casas de construções, com os donos Zé Gordo, Sidney, Meire e Mineiro, esse último no ramo até hoje. O pão era vendido por seu Djalma que vinha com balaio na bicicleta tocando a sua buzina. A primeira padaria do local foi instalada na Via C4, a padaria do seu Jorge. Não tinha escola, então, as crianças e adolescentes estudavam com bolsa no Gama e Souza. Aqui foi evoluindo com o tempo”.

Valdecir tem saudades do início da favela e recorda da inauguração do parque ecológico: “Era tudo bonito, com grama, acho que nunca vai ficar como naquela época. No passado, as ruas eram mais largas, depois vieram os puxadinhos”.

Ele destaca a vantagem do lugar por ter ônibus para todos os lugares. “É um lugar valorizado. Se hoje fossem aterrar esse lugar, não fariam casas para nós e sim um condomínio para bacanas. Mesmo que um dia eu fique rico, vou continuar no Pinheiro”, garante.

FOTOS: AFFONSO DALLUA



UMA MARÉ DE MULHERES



ES-
QUEN-
TA!



06 DE ABRIL,
NA MARÉ